

“Então nós estamos aqui para ficar”: A instituição religiosa e a organização urbana no contexto do migrante zoroastriano na Inglaterra

Iasmin Castro de Souza¹

Resumo: É inserido no diálogo entre o campo religioso e o fenômeno da migração que buscamos qualificar o presente artigo. A partir dessa relação, é analisada a presença da instituição religiosa no contexto migracional, trabalhando especificamente com o caso de migrantes zoroastrianos que vivem na Inglaterra (2019) e o papel da *Zoroastrian Trust Funds of Europe* (ZTFE) na vida do adepto. Além disso, procuramos investigar a organização urbana da cidade de Londres, analisando comércios e estabelecimentos associados ao imigrante asiático. Para tal, fazemos o uso de fontes orais (entrevistas e questionários com adeptos migrantes) e fontes de registro de campo (trabalho de campo). As fontes são analisadas a partir de um estudo dos conceitos de Memória, Oralidade e Migração, e apontam para um interessante diálogo entre o âmbito social e religioso referente as funcionalidades da instituição religiosa, característico do contexto do migrante. Observamos ainda a presença e forte permanência da comunidade zoroastriana na Inglaterra que carrega em sua trajetória processos de acomodação e desafios que o estrangeiro enfrenta no local de destino.

Palavras-chave: Zoroastrismo; Migração; Instituição religiosa; Organização urbana.

¹ Mestra em História com ênfase em estudos sobre comunidades diaspóricas religiosas. E-mail: iasmincsuel@hotmail.com

“So we are now here to stay”: The religious institution and the urban organization in the context of zoroastrian migrants in England

Abstract: It is inserted in the dialogue between the religious field and the phenomenon of migration that the present article seeks to be qualified. Based on this relation, the presence of the religious institution in the migratory context is analyzed, working specifically with the case of Zoroastrian migrants living in England (2019) and the role of the Zoroastrian Trust Funds of Europe (ZTFE) in the adept's life. Furthermore, it is aimed to investigate the urban organization of London, evaluating the business and establishments associated with Asians' migrants. For this purpose, will be explored oral sources (interviews and questionnaires with migrants' adepts) and field record sources (fieldwork). The sources are analyzed based on the concept study of Memory, Orality and Migration, and indicates an interesting dialogue between the social and religious spheres, regarding the functionalities of the religious institution, which is characteristic of the migrants context. It is also observed the presence and strong permanence of the Zoroastrian community in England that carries on its trajectory, process of accommodation and challenges that the foreigner faces at the destination.

Keywords: Zoroastrianism; Migration; Religious institution; Urban organization.

Introdução

Quando refletimos sobre o campo da religião e pensamos nas trajetórias que as estruturas religiosas e seus adeptos percorrem, constantemente interagimos essa ideia com a perspectiva da movimentação espacial humana, ou seja, da migração. Em alguns casos, encontramos uma relação mais intrínseca e essencial que em outras, variando as conjunturas dos contextos temporais e espaciais.

A partir dessa relação, inúmeras questões florescem aos olhos acadêmicos, trazendo grandes oportunidades de questionamentos e perspectivas. Nesse sentido, a disseminação de práticas culturais em diferentes regiões, ocasionada pelo processo migracional, é certamente um ponto importante na relação entre religião e migração.

Junto à chegada do imigrante, suas práticas culturais também atingem a sociedade de destino, provocando processos e movimentações que enfatizam a relação e as diferenças entre o “nativo” e o “outro”, o “estrangeiro”. Parte desses produtos que advém da relação entre estrangeiro e nativo, é foco de estudo da presente pesquisa. Nesse caso, o objetivo aqui é trabalhar com a presença da instituição religiosa e com a organização urbana no contexto do migrante.

Ao falar de instituição religiosa, me refiro em específico a instituição *Zoroastrian Trust Funds of Europe*² (ZTFE), ligada ao enquadramento de imigrantes adeptos da religião chamada Zoroastrismo que habitam atualmente a Inglaterra. Ressalto que se trata, então, de uma organização de uma religião também imigrante, visto que o Zoroastrismo chega na Inglaterra por meio dos seus adeptos a partir do século XVIII (HINNELLS, 2005).

Em uma perspectiva histórica, o Zoroastrismo tem seus primeiros desenvolvimentos na antiguidade, em regiões que conhecemos, hoje, como Oriente Médio. Um dos nomes mais importantes ligado à estrutura religiosa é o do profeta Zaratustra, responsável pela articulação das crenças e práticas zoroastrianas e, conhecido pelos adeptos como grande intermédio entre o deus soberano Ahura Masda e a população terrena.

Há grandes discussões sobre a datação da vida de Zaratustra. Me oriento pela proposta de Mary Boyce (1979) que insere o profeta entre os séculos XVII e XV a.e.c, por conta da datação de textos sagrados que remetem a esse período. Atrelado à vida pastoril e sacerdotal, Zaratustra é apontado como um reformador de ideias, pois em seu contexto onde crenças politeístas imperavam, ele sugeriu o seguimento de um sistema monoteísta. Séculos mais tarde, o Zoroastrismo ganha um caráter de religião de Estado com a dinastia Aquemênida (550-330 a.e.c) no Império Persa (BOYCE, 1979).

Percorrendo caminhos até os dias atuais, a religião zoroastriana passou por períodos de estabilidade e adversidade. Dialogando com a migração, grandes ondas diaspóricas marcaram o desenvolvimento da religião. A partir do século VII e.c, com a dominação árabe sob o Império Persa, o predomínio islâmico teceu conflitos aos zoroastrianos, trazendo uma série de ocorrências de perseguição religiosa. Como consequência, muitos zoroastrianos protagonizaram uma

² Podemos traduzir a sigla para o português como Fundos Fiduciários Zoroastrianos da Europa.

diáspora que levou o Zoroastrismo a diversas regiões do continente asiático. Dos agrupamentos mais significativos, certamente a região de Gujarat na Índia é a mais emblemática. Não à toa, hoje soma-se mais zoroastrianos na Índia do que no próprio Irã (antigo Império Persa). Aos zoroastrianos que vivem na Índia é atribuído a denominação de parse ou parsas, que remete “aquele que vem da Pérsia” (HINNELLS, 2005).

No mundo contemporâneo, a diáspora zoroastriana atinge níveis maiores. Grande parte de seus adeptos são embutidos nas ondas migracionais por motivos característicos do próprio período. A busca por melhores oportunidades de empregos, especializações na formação educacional, universidades estrangeiras e trocas comerciais são os grandes impulsos que levam os zoroastrianos a saírem majoritariamente da Índia, dentre outros países asiáticos e do leste africano, a migrarem para países do Ocidente, como Estados Unidos, Canadá e Inglaterra. Perseguições religiosas, entretanto, mesmo não sendo a grande causa do contexto contemporâneo, ainda aparecerem nas estatísticas das ondas migracionais zoroastrianas (HINNELLS, 2005).

Relacionado ao contexto da pesquisa, os primeiros zoroastrianos chegam à Inglaterra por volta do século XVIII, mas se estabelecem potencialmente nos séculos XIX e XX. Com um crescimento e estabelecimento dos migrantes zoroastrianos na Inglaterra e em toda Europa, houve a necessidade da criação de uma organização fiduciária para os adeptos. Em 1861, é criada a *Religious Fund of the Zoroastrians of Europe*, que anos mais tarde se tornará a *Zoroastrian Trust Funds of Europe* (ZTFE), nome atual da instituição. A ZTFE se localiza na cidade de Londres, Inglaterra, por ser um ponto de concentração de adeptos da religião (HINNELLS, 1996).

No período de fundação da Instituição, seis funções são estabelecidas por Seth Muncherji Hormuski Cama, conhecido por ser um dos fundadores da ZTFE. São elas: lidar com o funeral zoroastriano; assistência para repatriação na Índia; compra de livros; investimento em pesquisas sobre o Zoroastrismo; manter uma casa para zoroastrianos (House of Prayer); e manter um fundo religioso para auxílio financeiro (HINNELLS, 1996).

É na cidade de Londres, então, que outras organizações zoroastrianas são criadas a partir do aumento significativo de adeptos migrantes, de primeira, segunda e terceira geração. Em 1906, por exemplo, é criada a *The Parse Social Union* com o intuito de auxiliar estudantes zoroastrianos, promover a interação social entre os parses e entre os europeus, promover o debate sobre questões sociais, políticas, científicas e literárias, e auxiliar de maneira geral todo parse que chegasse à Inglaterra (HINNELLS, 1996).

O presente artigo busca trabalhar com um recorte enfatizado na ZTFE por se tratar da instituição mais antiga de uma religião oriental no Ocidente e por ser de grande popularidade entre os zoroastrianos na Europa. Dessa forma, em 2019, foi realizado um trabalho de campo para minha pesquisa de Mestrado, no qual foi possível realizar visitas até esta Instituição. O trabalho de campo é um método de pesquisa essencial para a coleta e acesso das fontes, possibilitando a continuidade aos estudos.

Contamos como fontes para o atual artigo, os relatórios do trabalho de campo de análise espacial urbana, visitas à ZTFE, entrevistas com o atual presidente da instituição Malcolm Deboo e com o sacerdote responsável pela Sala de Orações da ZTFE, Ervard Yazad T Bhadha, aplicação de questionários aos migrantes zoroastrianos que vivem na Inglaterra, e uma visita ao cemitério zoroastriano. Com esse material é possível por meio do recorte do presente artigo discutir sobre como a instituição religiosa (ZTFE) atua, mediante as perspectivas dos migrantes adeptos, e como a organização urbana dialoga com a presença de migrantes na cidade de Londres.

Para que possamos compreender as complexidades das falas dos adeptos, destaco de maneira breve alguns pontos importantes sobre a religião zoroastriana. O primeiro apontamento é o estabelecimento do Zoroastrismo como uma religião não proselitista, isto é, não existe conversão dentro da estrutura religiosa. À vista disso, a religião carrega contornos muito familiares de um povo, já que não é permitido que pessoas que não tenham progenitores zoroastrianos, sigam como adeptos. Essa característica traz consequências significativas no mundo contemporâneo, já que a continuidade da religião depende da passagem geracional e do casamento dentro da fé. Discussões sobre a iniciação de crianças frutos de casamentos mistos é uma polêmica entre a comunidade, gerando opiniões distintas.

O último apontamento a ser destacado, se refere ao ideal de pureza dentro da religião zoroastriana. Faz parte da sua estrutura o que chamamos de Lei da Pureza, na qual os adeptos devem respeitar e se atentar as poluições ligadas a corpo humano e às purezas da Terra. Um grande exemplo que será problematizado no decorrer do artigo, é o corpo no pós-morte. Visto como um símbolo de poluição, o corpo humano quando já sem vida, deve ser descartado de maneira consciente, sem poluir os elementos tidos como sagrados da Terra (água, fogo e terra). Por essa razão, o método mais eficaz utilizado por zoroastrianos (e por outros povos) desde períodos da antiguidade, é a disposição dos corpos em regiões afastadas de centros populacionais, para que animais necrófagos, em sua maioria aves de rapina, possam se alimentar do produto sem que rios e solos sejam poluídos.

Inseridos no contexto do artigo, zoroastrianos no ocidente contemporâneo, os dois pontos ressaltados anteriormente serão mencionados nos discursos dos adeptos. Antes que possamos problematizar essas falas, é essencial estabelecer, primeiramente, qual perspectiva de análise será utilizada para tal ação. Dessa forma, damos sequência ao estudo teórico-metodológico da pesquisa.

Oralidade, memória e o outro

Se tratando de uma pesquisa que conta com entrevistas e questionários, é importante estabelecermos uma linha teórica dos caminhos a serem seguidos. Para o estudo da História Oral e dos mecanismos de uma entrevista, me apoio em Alessandro Portelli, que busca discutir em suas obras as problemáticas entre o entrevistado e o entrevistador. Portelli (1997) caracteriza

a criticidade no campo da oralidade, trazendo os personagens dessa ação como seres ativos e estratégicos na formação dos discursos. A entrevista é um espaço para trocas entre dois sujeitos. É uma troca de impressões, de olhares, e de informações. Pensar somente em um observador e um observado é uma ilusão. “Durante todo tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender o que é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções” (PORTELLI, 2010, p. 20).

A entrevista é, então, um exercício de reconhecimento do Outro. Um jogo de leituras e construção é criado a fim de se estabelecer estratégias de imagens do Outro e para o Outro. A memória contribui nesse jogo quando seus conteúdos “são evocados e organizados verbalmente no diálogo” (PORTELLI, 2010, p. 19).

Segundo Michael Pollak (1989), a memória tem característica de seletividade, pois ela pode sofrer alterações futuras e adaptações em decorrência do contexto em que ela está sendo articulada. As preocupações do momento indicam a estrutura da memória, que consciente ou inconscientemente, é construída (gravada, recalcada, lembrada...) (POLLAK, 1989).

Quais histórias o depoente quer mostrar? Ou melhor dizendo, no contexto do artigo, qual história o migrante zoroastriano quer destacar? Quando perguntarmos sobre a instituição religiosa no contexto migracional, qual a perspectiva do adepto? O que ele quer exibir e o que ele quer esconder?

O silêncio do depoente é tão articulado quanto suas falas. A memória é o processo estratégico de lembrar e esquecer, tornando-se um campo de disputa. Ligadas ao contexto, a memória também pode ser interpretada como ações políticas e morais, nas quais o não dito é o que não pode ser público naquele momento (POLLAK, 1989).

São essas as principais bases teórico-metodológicas que serão utilizadas neste artigo. Para além da oralidade e memória, dialogaremos também com o conceito de migração e diáspora, do sujeito migrante e do estrangeiro. Muito se entrelaça com a própria discussão de oralidade, quando foi destacado a ideia de construção de discurso a partir do Outro e para o Outro. A alteridade nesse sentido, ganha destaque mais uma vez ao pensarmos a personagem do estrangeiro na sociedade.

Antes de entrarmos em questões mais complexas, saliento brevemente algumas pontuações em relação ao conceito de migração e diáspora. Me oriento a pensar em diáspora como um movimento de pessoas que abandonam seu local de origem (por diversos motivos) para dispersão em diferentes locais de destino, não somente um (VERTOVEC, 1997). No contexto do artigo, diásporas múltiplas caracterizam a história zoroastriana. Houve um movimento diaspórico após o domínio árabe na Pérsia, como mencionado no tópico anterior, e mais movimentações significativas no período contemporâneo, quando zoroastrianos partem do subcontinente asiático em direção a regiões da Europa, América, Austrália e leste Africano. Indo além, constata-se ainda mais ondas migracionais de zoroastrianos que saíram de zonas diaspóricas como o leste Africano, e migraram para Europa e América. Talvez, o caso de maior

destaque seja o do famoso artista Freddie Mercury (vocalista da banda Queen) e sua família zoroastriana, que saíram da Tanzânia e migraram para o Reino Unido durante o século XX.

A chegada do migrante e a transformação como estrangeiro é um processo complexo. Caterina Koltai (2009) apresenta que a relação entre o habitante nativo e aquele que não é familiar, demonstra problemas sociais, de certa forma fáceis de serem encontrados na sociedade contemporânea se observarmos casos de refugiados sírios ou venezuelanos, por exemplo.

A globalização do mundo moderno não criou o estrangeiro, pelo contrário, o estrangeiro existe desde períodos antigos da história, como forma de adjetivo e substantivo, principalmente com o Império Romano. O que o mundo moderno cria é o estrangeiro sociopolítico, um sujeito atrelado às noções de Estados nacionais e fronteiras. Desde então, as noções de nacionalidade estabelecem o estrangeiro e o não estrangeiro (KOLTAI, 2009). Outro fator que a modernidade cria, são os fluxos migratórios “planetários”, como afirmado por Koltai (2009). Principalmente, a partir das guerras do mundo moderno, a entrada e saída de pessoas buscando novas oportunidades ou fugindo de perseguições e devastações são mais comuns do que nunca. Abandonar o local de origem não é fácil. Contudo, por mais diversos que sejam os desafios no local de destino do estrangeiro, novas experiências e novas realizações podem ser almejadas. Desse modo, o estrangeiro deixa de ser o Outro que vive a quilômetros de distância, em outro continente, e se torna o vizinho.

Essa parece ser a problemática desenvolvida por Caterina Koltai (2009). Como conviver com o estrangeiro? Aquele que antes ocupava as cenas da TV e os livros, agora divide espaço cotidiano com a população de outra nacionalidade. O incômodo se demonstra presente dada as situações de conflitos sociais. Sabe-se que aos estrangeiros são atribuídos, muitas vezes, sentimentos de hostilidade, transformando-os em “maus-objetos” no imaginário comum.

Koltai (2009) busca uma explicação por meio da psicanálise de Freud (1929) exemplificando pelo mandamento cristão “ama a teu próximo como a ti mesmo”. Se o próximo é meu semelhante, isso me permite me reconhecer e me identificar nele, o que possibilita que eu o ame como a mim mesmo. “Mas o próprio traço identificatório que faço meu acarreta uma divisão entre semelhantes, na medida em que exclui os não semelhantes”. Ou seja, se eu não me assemelho ao próximo, não me possibilita amá-lo, associando o estrangeiro à hostilidade.

Não há amor entre os irmãos sem rejeição ao estrangeiro, e é esse o limite do amor ao próximo como a si mesmo. É segregativo porque fundado na identificação. [...] Quando o estrangeiro ainda estava a distância, podia ser visto como um ser exótico e exercer ora certo fascínio, ora um medo razoável. Mas, a partir do momento em que se tornou próximo, demasiadamente próximo, como nos dias atuais, em função da globalização e das novas migrações, ele causa mais do que medo, ele causa pavor. É assim que aquilo que ainda era tolerável quando o estrangeiro estava longe, torna-se insuportável a partir do momento em que se aproxima demais. Nessa hora parece que todos demônios acordam (KOLTAI, 2009, p. 145-146).

Acredito que parte dessa relação com o Outro, exposto por Koltai (2009), inserida no contexto da pesquisa entre o ocidental e o oriental, implica-se em questões da criação do imaginário do Oriente e de todas estruturas a sua volta. Associamos, então, com o trabalho de Edward Said (1990) onde é discutido o conceito de orientalismo. Entre outros sentidos, o orientalismo é como um sistema de significados e noções sobre o Oriente criado pelo Ocidente, especialmente pela Europa. Esse sistema está associado a relações de poder entre ditas “potências” europeias imperialistas e o Oriente. Ao orientalismo incluímos também uma área de estudo acadêmico, onde os conhecimentos e escritos feitos inicialmente pelos europeus categorizam o Oriente de modo a poder controlá-lo.

Parte dessa hostilidade apresentada por Koltai (2009) vinculada ao preconceito, pode ser explicada também, e de modo mais específico visando o contexto da pesquisa, pela relação de poder que envolve o orientalismo de Said (1990). As relações imperialistas e as noções criadas do Oriente pelo Ocidente, firmadas pelos interesses europeus de domínio e superioridade, trazem um imaginário que acarreta em perspectivas preconceituosas e xenofóbicas e muitas vezes até generalizadas. Além disso, o Oriente pode ser visto com um fascínio, de modo exótico e misterioso, que formam características das representações pelos ocidentais.

Olhares pelas ruas

A instituição *Zoroastrian Trust Funds of Europe* é, atualmente, localizada no bairro municipal (*municipal borough*) de Harrow, na Grande Londres (região que compreende geograficamente Londres e alguns bairros próximos). O acesso a Harrow para quem está em Londres, pode ser feito facilmente por metrô. As mesmas linhas que circulam no centro, chegam também a distritos próximos, com uma tarifa de passagem maior, claro. Não leva mais que uma hora do centro da cidade para a ZTFE.

Durante o trabalho de campo, foi realizado esse trajeto, inúmeras vezes, acrescentando também as idas por meio de ônibus turístico. É a partir desse meio de transporte que foi possível vislumbrar melhor o trajeto do centro de Londres até Harrow. A impressão que passa é de que tudo pertence a mesma coisa. Não há trajetos em rodovias ou estradas entre os dois locais. Todo percurso é preenchido por casas, prédios e comércio.

Ao sair da estação de metrô Rayners Lane e andar pela Avenida Alexandra pela primeira vez, logo o prédio da *Zoroastrian Centre* aparece. É um prédio grande com arquitetura curiosa que condiz com a história do uso do local, que antes de ser sede da ZTFE, era um cinema. O letreiro também é grande e, na vertical e na horizontal, aparece escrito de maneira nítida “ZOROASTRIAN CENTRE”.

Alexandra Avenue é uma avenida com grande fluxo de carros e de pessoas. Ao andar pelo local, é possível observar que os comércios presentes são todos com temática oriental. De certo, se andarmos pelas ruas de Londres, também vamos encontrar um grande comércio de comidas típicas do Oriente Médio e sul da Ásia, e lojas de souvenir com proprietários e atendentes vindos

das regiões citadas. Se comparado ao Brasil, ou pelo menos a região Sul do país, onde tenho mais conhecimento e vivência, não é comum encontrarmos comércio ou pessoas características das regiões do Oriente Médio e sul asiático. Andando por Londres e principalmente em bairros como Harrow e Edgware (geograficamente localizados um ao lado do outro) é frequente o número de imigrantes orientais. Entre eles, o que mais chama atenção são as mulheres que usam os véus, como o hijab, chador, e até mesmo a burca são corriqueiros nas ruas e comércio.

Próximos à ZTFE, a região apresenta um alto número de comércios do ramo gastronômico. Entre alguns *fast foods* mundialmente conhecidos, como KFC, Subway e PizzaHut, se encontram na sua maioria os de comida oriental. Exemplos são Mehran Restaurant and Lounge, Balti Hut, Zara Green Groceries, Swaadish, Athavan Superstore, Food Corner e Saravanaa Bhava. Alguns oferecem comida árabe, iraquiana, paquistanesa, indiana, iraniana, malaia, chinesa, cingalesa e também comidas que seguem a dieta islâmica (Restaurantes Halal³).

Imagem 1 - Comércio na Rua Edgware



Fonte: Autora (2019).

³ Halal é uma palavra em árabe que significa “permitido”. A comida Halal, então, é o alimento permitido para o consumo dos muçulmanos.

Imagem 2 - Comércio na Rua Kingsgate, Londres



Fonte: Autora (2019).

Imagem 3 - Comércio na Rua Boscobel, Londres



Fonte: Autora (2019).

Sobre a presença dos véus em mulheres, observamos nas imagens 01 e 02 o uso do hijab, que dentre os citados tipos de véus femininos, é o mais recorrente. A peça cobre somente a cabeça, as orelhas e o pescoço, ao contrário do chador que cobre o corpo todo deixando o rosto de fora. As duas peças são facilmente encontradas em uso no Irã e em outras regiões do

Oriente Médio. Já a citada burca, que cobre todo o corpo, inclusive os olhos, é encontrada o uso no Afeganistão e em regiões do Paquistão. É considerada uma vestimenta mais restrita e entre as outras mencionadas, é a mais difícil de se deparar com seu uso na Inglaterra.

Assunto polêmico é a proibição do seu uso na Europa. Alguns países como França, Dinamarca, Áustria, Bulgária e a mais recente na Holanda em 2018, proibiram o uso de vestimentas que escondem o rosto, como a burca e o niqab, uma espécie de tecido que cobre a boca e o nariz. Os países alegam que o problema dessa vestimenta é o que ela simboliza: um fundamentalismo extremo, de regimes como o Talibã por exemplo, onde mulheres são obrigadas pelos homens a se vestirem dessa forma, fantasiados por um contexto religioso (KUDASCHEFF, 2016). Recordo a partir deste conflito, das discussões de Edward Said (1990) sobre o orientalismo. Essas noções e presunções argumentadas pelo Ocidente parece trazer uma certa ideia de perigo e medo em relação ao Oriente, onde o islã é muitas vezes construído como a principal ameaça a um liberalismo social europeu.

Entretanto, a discussão vai e além, e chega até o direito e liberdade das mulheres em decidir o que vestir. O uso do véu “faz parte da minha identidade como minha fé, e também um símbolo de resistência contra todos os estereótipos e preconceitos sobre a mulher islã”, diz Sahar al-Faifi, uma ativista da luta contra a islamofobia (sentimento de repúdio aos muçulmanos), durante uma entrevista ao programa britânico *This Morning* que foi ao ar em 25/04/2017.

Na Inglaterra, não há proibição ao uso de nenhuma vestimenta que cubra o rosto. No entanto, encontramos com menos frequência mulheres fazendo o uso dos véus mais restritivos (burca e niqab) pelas ruas de Londres e seus distritos próximos. Quais as razões para esse fato? Podemos refletir sobre algumas. Entre as mulheres que usam, mas não se encontram no local, ou as que usavam, mas deixaram de usar.

Talvez encontramos com menos frequência mulheres com burcas e niqabs por conta que estas, não migraram ou não viajam a turismo por Londres. E a partir disso, podemos desenrolar vários motivos, como oportunidades ou opressão em território de origem, que não nos cabe aqui aprofundarmos. Por outro lado, talvez essas mulheres tenham migrado, mas optaram por deixar de usar os respectivos véus. Por serem tão distintos e não fazerem parte do padrão cultural britânico, optar pelo uso do hijab ou pelo desuso de ambos, pode aparecer como uma ferramenta de inclusão e assimilação social.

Trago essa discussão para o tema da pesquisa. No Zoroastrismo em continente asiático, é comum mulheres adeptas fazerem o uso de véus coloridos. Até mesmo dentro dos templos, as mulheres necessitam cobrir as cabeças. Quando fui convidada a participar de uma cerimônia do Fogo, antes de entrar na Sala de Orações em Londres, foi pedido que eu utilizasse um véu nos cabelos.

Embora se use os véus dentro dos locais de oração no Ocidente, nas ruas não é comum. O adereço parece ter sido mantido mais pelas muçulmanas do que pelas zoroastrianas. Talvez, pelo fato de significarem sentidos diferentes. Ao entrar na Sala de Orações, me foi explicado que o véu serve para que não caia fios de cabelo no chão da sala, remetendo aos ideais de

pureza característicos da religião. Logo, utilizar fora dos espaços de oração não parece ser algo tão necessário. Para as muçulmanas, além de significar respeito e submissão ao poder de Deus, também faz parte de uma identificação ao islã, sendo, muitas vezes, um ato de resistência contra a islamofobia, como citado por Sahar.

No caso zoroastriano, se pensarmos nos desafios que a comunidade passa ao chegar e viver em um local tão diferente, principalmente entre os mais jovens que, muitas vezes, desejam desenvolver uma vida longa no local e se relacionar com grupos da região, acabam por buscar uma estética visual mais inserida nos padrões de destino. Assim, por conta também do preconceito, é buscado imprimir uma imagem mais pariforme.

Um segundo ponto interessante a se notar da paisagem desses comércios são as fachadas. Em sua maioria, os estabelecimentos expõem o nome de origem oriental escrito com o alfabeto latino e, quando dada a origem, em alfabeto árabe ou hindi. Em alguns casos, a escrita em alfabeto árabe se sobressai a escrita latina, como nas Imagens 1 e 2. Em outros, a escrita em alfabeto latina ocupa maior espaço na fachada, como na Imagem 3.

As fachadas nos mostram a existência de uma população migrante oriental que não só se estabeleceu na região para morar, mas também para constituir comércio. Visto a grande quantidade de lojas com a temática oriental, nota-se que há um público que atende a proposta. Não é de maneira ocasional ou aleatório que esses conjuntos se organizam proximamente. Mas, sim faz parte de um desenvolvimento da região, associado com os processos migracionais que a população oriental (neste caso de regiões do Oriente Médio, e do sul asiático) passaram, desde a saída do ponto de origem até a concepção de um comércio, como forma de se introduzir e firmar-se no local.

A presença de uma fachada multilinguística diz muito sobre o local e o comércio. A quem os comerciantes estão vendendo? Quem é o público que frequenta as lojas? Se as informações estão em sua maioria em árabe, pensamos que as pessoas que mais frequentam a região tenham o idioma em comum. Ou, então, a presença de restaurantes e mercados Halal, que fornecem comidas dentro da dieta muçulmana. Se há a presença destes nos locais, é porque se tem uma população muçulmana que consome o produto.

Acredito que o caso dessa região, seja diferente dos comércios do centro de Londres em que alguns proprietários também são de origem oriental. Aqui, o comércio é voltado principalmente para os imigrantes que vieram do Oriente. Por isso, notamos a presença do idioma nas fachadas e dos produtos específicos. Nas áreas centrais de Londres, o público é outro, e as fachadas também.

Ainda ressalto uma observação importante. O comércio de comida em sua maioria especifica o país ou região em que a culinária pertence. Dessa forma, não se deixa a rotulação cair em uma generalização (“comida oriental”, por exemplo), porque especificar de onde pertence aquele prato é muito mais importante e significativo para o imigrante do que para um britânico. Podemos observar na Imagem 2 ao lado direito, um restaurante que oferta comida iraquiana e curda. Diferente do Iraque, o Curdistão não é um país reconhecido oficialmente, sendo uma região que ocupa parte dos Estados nacionais do Irã, Iraque, Turquia e Síria. É

interessante a importância que se dá para a diferenciação da culinária curda com a iraquiana, mesmo elas ocupando espaços próximos geograficamente.

O fato de a região possuir em sua maioria o comércio de comida, também é significativo. Penso que roupas, móveis e outros objetos podem até serem comprados de fabricação britânica (estrangeira), mas a comida traz um poder simbólico para a identidade dos sujeitos. Principalmente, quando nos referimos a grupos que possuem dietas restritas em comum, como o citado caso dos mulçumanos. Nesse sentido, Kathryn Woodward (2000), a partir da lógica de Claude Levi-Strauss, afirma que “Aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias” (WOODWARD, 2000, p. 42-43).

A partir desses pontos foi notado que determinadas áreas da Grande Londres possuem uma maior aglomeração da comunidade oriental que se estabelece na região. A região de Rayners Lane do distrito de Harrow é um exemplo dessas áreas que reúnem comércios e instituições orientais pelas ruas. A ZTFE, como uma instituição religiosa oriental, está presente no local. Se é nessa região ou não que há uma aglomeração de zoroastrianos, não podemos afirmar com certeza. Mas, certificamos que é nela que se encontram um conjunto de comércios voltados para o público oriental. Nas proximidades também encontramos escolas de ensino judaico, mesquitas e até uma escola de dança tipicamente indiana, a Kalaimanram Bharatanatyam.

Dialogando com dados estatísticos, o Observatório de Migração da Universidade de Oxford nos traz informações importantes sobre a presença de migrantes nos bairros da Grande Londres. Primeiramente, esse sistema de organização urbana, conhecido no idioma inglês na Inglaterra por *borough*, institui a presença de 32 bairros ao redor da cidade de Londres (desde 1965). Esses bairros se organizam entre bairros internos (12 ao todo) e externos (20 ao todo), levando em consideração a proximidade com a cidade central de Londres. O bairro de Harrow, onde se estabeleceu a ZTFE, se localiza no extremo ponto ao noroeste da cidade de Londres, sendo um dos bairros mais distantes (KRAUSOVA; VARGAS-SILVA, 2013).

De acordo com o Observatório de Migração de Oxford, tendo como base o Censo Britânico de 2011, o bairro que contabiliza maior número de residentes não britânicos, é o bairro de Brent, que é localizado ao lado de Harrow. Brent soma 16.65% da população vinda da Índia, 6.17% da Polônia, 5.18% da Irlanda, 3.97 do Paquistão, 1.70% da Nigéria, e 66.33% de outras regiões. Mesmo Harrow tendo uma porcentagem menor de não britânicos, a presença de indianos é percentualmente maior que Brent. Soma-se 20.12% indianos, 3.61% poloneses, 4.63% irlandeses, 1.08% nigerianos, 3.35 paquistaneses, e 67.22% de outras localidades (KRAUSOVA; VARGAS-SILVA, 2013).

O pós-morte Zoroastriano no Ocidente

Nos últimos dias do Trabalho de Campo, estava planejado uma visita ao cemitério de Brookwood. No final das entrevistas realizadas com Malcolm Deboo e Ervard Yazad, ambos

insistiram de maneira tão forte a visita ao cemitério, que uma ponta de ansiedade tornou a vontade de visitar maior ainda.

O cemitério de Brookwood foi fundado em 1849 pela *London Necropolis Company* (LNC) para acomodar os falecidos da cidade de Londres, que no período encontravam dificuldades para comportar a população que estava crescendo. A região de 2268 acres que pertencia ao vilarejo de Woking, foi comprada para a construção do cemitério, que começou imediatamente. Uma linha de trem da cidade de Londres passava pela região e chegava até o cemitério, que a partir de 1880 desenvolvia também o vilarejo de Brookwood a sua volta. Curioso notarmos que neste caso, foi a presença do cemitério que trouxe a construção do vilarejo⁴.

A extensão de terras é imensa. Quando inaugurado em 1854, foi considerado o maior cemitério do mundo. Atualmente, é nele que encontramos soldados da Primeira e Segunda Guerra Mundial nas alas militares. Além das alas militares, se tem a presença de repartições menores, como soldados das Forças Aéreas e da Marinha (CLARKE, 2018).

Em 1901, tem-se a oficialização da ala zoroastriana no cemitério de Brookwood. Interessante de se notar que o Zoroastrismo não é a única repartição “étnica” do cemitério. Ele ainda conta com alas para árabes, letoneses, sérvios, islamaeli⁵ e Bagh-e-zehra⁶. Durante o período em que foi estruturado, o Cemitério já organizava as repartições para diferentes denominações religiosas.

Do centro de Londres para Brookwood não leva mais de 1 hora de metrô e trem. O cemitério se localiza muito próximo à estação de Brookwood. Na realidade, todos que desejam sair da estação e chegar até a cidade, devem passar pelo cemitério. A saída de um é a entrada de outro. E logo se avista a placa com um mapa indicativo para as regiões do cemitério.

O caminho até à ala zoroastriana é repleto de árvores e verde. A extensão do local é descomunal e o silêncio característico de cemitérios também é presente. Pode se ouvir apenas o barulho do trem e dos passos de pessoas que passam pelos caminhos do cemitério de forma corriqueira para chegar à cidade. No dia, o tempo nublado e frio da região trazia a garoa e junto com ela o eflúvio do solo úmido. Tudo isso formava um conjunto de sensações de tranquilidade e inércia que o ambiente trazia.

Todas as alas do cemitério são destacadas a partir de placas indicativas. Ao chegar no destino planejado, uma placa também indicava a repartição e ainda trazia junto com a escrita “*Zoroastrian Cemetery*” a figura do faravahar (símbolo zoroastriano).

⁴ As informações foram retiradas do site oficial do Cemitério de Brookwood.

⁵ Grupo religioso pertencente ao ramo xiita do Islã.

⁶ Grupo religioso voltado a xiitas duodecimanos.

Imagem 4 - Entrada da repartição zoroastriana do Cemitério de Brookwood. Brookwood



Fonte: Autora (2019).

Ao que tive acesso, não se tem uma contabilização exata do número de enterros realizados no Cemitério Zoroastriano. Neste, encontramos das mais variadas lápides, desde as mais trabalhadas e custosas até as mais simples. Encontramos também construções maiores que chamam a atenção, como o mausoléu de Nowrosjee Nashirwanjee Wadia, figura importante para comunidade zoroastriana. Em sua porta, abaixo de uma representação de asas estilo horbehutet⁷, há uma placa com a seguinte frase: Eu sou Nowrosjee Nashirwanjee Wadia da antiga raça ariana da Pérsia. Um cidadão da cidade leal de Bombai que descansa aqui em paz sob o céu distante da grande e famosa Grã-Bretanha⁸.

Uma das lápides mais antigas encontrada certifica a idade do cemitério. Mesmo sendo só oficializada como Cemitério Zoroastriano em 1901, desde 1863 já se enterravam zoroastrianos no local. A lápide de Rustomjee Burjorjee, enterrado em 1867, evidencia tal fato. De maneira muito simples, a lápide contém apenas o nome do sujeito e a data de enterro com letras bem apagadas. As lápides mais simples seguem esse mesmo padrão. Todavia, uma

⁷ Símbolo em forma de Disco Alado (ou Disco Solar) muito comum na cultura do antigo Egito e dos povos do Oriente Médio.

⁸ Texto original: “I am Nowrosjee Nashirwanjee Wadia of the ancient aryan race of the Persia. A citizen of the loyal town of Bombay who lie here peacefully under the far off sky of wide famed Britain”.

visão geral do cemitério é tomada por lápides maiores e mais coloridas. Referente às escritas, todas as lápides contêm frases em língua inglesa, e algumas trazem também a língua gujarate e persa. O símbolo mais encontrado nas lápides é o citado *faravahar*. Depois deste, encontramos muitas imagens de chamas de fogo (importante símbolo no Zoroastrismo) e a frase *Humata Hukhata Huvareshta* (bons pensamentos, boas palavras e boas ações em avéstico).

O cemitério zoroastriano foi uma grande conquista para os adeptos imigrantes. Não por acaso, ele é muito lembrado por meio dos discursos. Retorno neste momento ao início deste tópico quando disse que Malcolm insistiu para visitarmos o cemitério. A presença dele pode ser vista como um marco para a comunidade zoroastriana que se estabeleceu na Inglaterra. Ter uma ala para enterros só zoroastrianos diz respeito a um processo de enraizamento no local, onde os imigrantes podem nascer, mas mais importante, podem permanecer até a morte. Não só podem, como acontece.

Lembremos da discussão sobre o comércio oriental no tópico anterior, no qual foi falado que se tem a presença de um comércio voltado para o público oriental, é porque se tem a existência destas pessoas que fazem a demanda. Utilizo da mesma lógica aqui. Se foi preciso a criação de uma ala zoroastriana em um cemitério, é porque os imigrantes estão presentes e permaneceram no local.

Quando falamos de imigrantes zoroastrianos, o cemitério e a discussão do pós-morte se tornam mais relevantes ainda. Vimos no início do artigo uma das mais importantes bases da religião, a lei da pureza, na qual todo corpo sem vida é considerado impuro. “Porque a morte é vista como a última arma do mal, e está totalmente associada a isso, qualquer matéria morta é vista sob a presença do mal” (HINNELLS, 1996, p. 13).

A saída encontrada no período da antiguidade era dispor os corpos em uma área distante de habitações e de conjuntos populacionais, para os animais necrófagos se alimentarem do produto. Durante o período de dominação do Islã na Pérsia (a partir do século VII e.c), se fez necessário uma delimitação mais precisa nesses espaços, onde se construíram grandes paredes redondas abertas ao céu. Chamamos as construções de torres do silêncio, *dakhma* ou *daxma* em avéstico. No período contemporâneo, algumas torres do silêncio ainda funcionam no continente asiático, e as cerimônias acontecem regularmente (HINNELLS, 1996).

Ao observar tal descrição e pensar na presença de zoroastrianos no Ocidente, como na Europa e nos Estados Unidos, logo imaginamos que trazer essa prática com a migração não seria uma tarefa fácil, talvez quase impossível. O enterro em regiões do Ocidente aparece como uma prática mais comum, onde expor os corpos para animais seria uma ideia grosseira e não cabível.

Os parsis quando chegam na Inglaterra, por terem uma aproximação com os britânicos, vide o imperialismo inglês na região, tinham em mente que estabelecer uma torre do silêncio no Ocidente seria inviável. Por essa razão, ao estabelecerem a criação de uma organização zoroastriana na Inglaterra (a ZTFE), um dos principais objetivos era auxiliar os zoroastrianos durante a perda de um adepto (como mencionado no primeiro tópico) (HINNELLS, 1996).

A conquista de uma ala zoroastriana no cemitério de Brookwood é de grande importância para a religião e para os adeptos. Ao chegar no Ocidente, diante de práticas tão dessemelhantes, os desafios se fazem presentes na comunidade. Mesmo não sendo a melhor opção de acordo com os princípios morais zoroastrianos, a criação da ala para os adeptos, foi uma saída que dialogasse também com o governo britânico. Com a oficialização da ala zoroastriana e o auxílio da ZTFE nos procedimentos religiosos e burocráticos pós-morte, o conforto e a tranquilidade parecem ser sentimentos mais próximos além da dor da perda.

“Então nós estamos aqui para ficar”: O discurso do migrante

As fontes do presente artigo se encaixam no âmbito da oralidade, e do experimento da pesquisa de campo. No que se refere à formação do discurso, entre março e julho de 2019, um questionário *on-line* foi distribuído, por meio da plataforma Google Formulários, para a comunidade zoroastriana inglesa. Com este, foi possível captar a resposta de 29 respondentes.

O questionário possui onze perguntas, sendo sete discursivas e quatro objetivas. As primeiras perguntas apresentam um caráter introdutório afim de conhecer algumas informações básicas do respondente como, idade, local de nascimento e residência, e gênero. Em seguida, as próximas perguntas tratam da relação entre identidade, religião e migração, um outro assunto que não será abordado aqui. As últimas questões abordam a temática das instituições religiosas no contexto do migrante, sendo o nosso principal foco do questionário.

De maneira geral, o perfil dos respondentes que participaram da pesquisa, são majoritariamente zoroastrianos que nasceram na Índia e vivem atualmente na cidade de Londres. Outras regiões de origem são citadas como, Iêmen, Tanzânia, Hong Kong, Quênia, Seicheles e Reino Unido. A média da idade se encontra nos 61 anos, apresentando idades entre 36 e 86 anos. Em relação ao gênero, 48% se identificam com o gênero masculino e 45% com o feminino, sendo que 7% não responderam.

Além dos questionários, foi também realizado uma entrevista presencial com o presidente da ZTFE em Londres (2019), Malcolm Deboo, junto com o sacerdote responsável pela Sala de Orações da instituição, Ervard Yazad T. Bhadah. A entrevista foi parte essencial do trabalho de campo desenvolvido durante o mês de maio de 2019, na cidade de Londres, o qual possibilitou uma experiência dentro da instituição religiosa extremamente significativa.

Ao tratar sobre a importância da ZTFE no questionário, especificadamente no cotidiano religioso do migrante, 20 das 23 respostas apontam positivamente para essa relação. Contudo, resalto uma observação equívoca na confecção do questionário. A pergunta realizada no questionário é a seguinte: “Você acredita que instituições religiosas (como a ZTFE) tem um papel importante no cotidiano religioso do migrante? Como?” No período em que foi realizado, não foi percebido a falha do uso do termo “cotidiano religioso”, já que dentro das práticas zoroastrianas, o cotidiano religioso é relacionado ao privado das casas dos adeptos, e não na frequência das instituições. Entretanto, mesmo a pergunta apresentando esse problema, 20

dos 23 que responderam acreditam que a ZTFE ou outras instituições religiosas, tenham um papel importante na relação com o cotidiano religioso do migrante.

Dada essa afirmação, observamos que não só no que se refere ao módulo religioso as instituições atuam. Destaco que as conclusões e afirmações que serão apresentadas agora, são baseadas na experiência de uma instituição específica, a ZTFE. Por mais que saibamos da existência de outras instituições zoroastrianas menores e mais recentes na Inglaterra, procuramos estabelecer um recorte que abranja somente a ZTFE, para não ocorrer o risco de generalização, provocando equívocos e falsas afirmações. Lembro aqui que o público e as experiências de diferentes instituições também são múltiplos, não significando que as mesmas conclusões realizadas sobre a ZTFE podem ser aplicadas às outras.

Após o esclarecimento, é por meio dos depoimentos dos respondentes e da fala dos entrevistados que caracterizamos o papel da ZTFE em dois pontos: o social e o religioso. Muitos dos respondentes destacaram a importância da instituição para a vida dos adeptos imigrantes sendo um significativo vínculo entre indivíduo e religião.

No âmbito religioso foram identificadas algumas funcionalidades da instituição, como, a presença da Sala de Orações e do sacerdote Ervard Yazad T. Bhadha, e as celebrações do calendário persa. Dessa maneira, foram destacados que a ZTFE ainda auxilia os imigrantes a não perderem suas raízes religiosas, a reforçar suas identidades como zoroastrianos, e a compreender melhor os ensinamentos de Zaratustra. De modo geral, “para manter a fé zoroastriana viva” (Respondente 23).

Durante a entrevista, Malcolm Deboo salientou a importância e o grande avanço que foi em estabelecer um sacerdote na ZTFE. Ele relaciona esse avanço com questões geracionais, em que “a religiosidade em tempos aumenta e em outros tempos também diminui. Isso depende de qual geração você está. Então depende de qual grupo etário você pertence”.

Isso é como a confiança da comunidade se desenvolveu. E por causa disso, há alguns anos atrás, nós contratamos um sacerdote permanente, que é o Yazad que veio da Índia. Antes disso nós tínhamos sacerdotes voluntários. Então você pode ver que a ideia de confiança vem tomando lugar. Mas ao mesmo tempo, a comunidade zoroastriana na Grã-Bretanha tem conseguido se ancorar firmemente. Então, nós estamos aqui para ficar (DEBOO, 2019, tradução nossa).

As questões geracionais aparecem como pontos a se ter cuidado tanto nas respostas dos respondentes quanto na fala dos entrevistados. Existe uma preocupação com a continuidade da religião no futuro e um apreço em promover o interesse da religião com os mais jovens. Portanto, Malcolm destaca as ações da instituição em auxiliar nessa área. A ZTFE viabiliza o encontro de crianças zoroastrianas durante “aulas” ministradas pelo sacerdote Yazad no prédio da *Zoroastrian Centre*. Nos encontros, as crianças aprendem sobre a religião por meio de atividades artísticas e leituras. De acordo com Malcolm, as aulas teriam surgido pelo interesse dos pais em inserir os filhos na fé zoroastriana, como é possível de observar na seguinte fala.

Tem tempos, você sabe, em que você é jovem e seus pais trazem você. Quando você é adolescente, você decide ir por conta própria. E tem tempos em que você fica bravo com você mesmo e se pergunta “como eu vou criar os meus filhos agora?”. Então de novo, nós temos essas aulas para crianças, quando as crianças se encontram, mas também seus pais se encontram (DEBOO, 2019, tradução nossa).

A presença do sacerdote Yazad também auxilia nas questões do pós-morte. Sabe-se que o processo funerário zoroastriano é visto pelos ocidentais como carregado de peculiaridades. A questão que envolveremos no momento, se trata da presença efetiva de Yazad como um indivíduo encarregado em auxiliar nas práticas zoroastrianas principalmente nos momentos de fragilidade, que a perda de um familiar desperta.

Para melhor entendermos essa funcionalidade, utilizo como exemplo um momento tido durante a entrevista, quando pergunto sobre a importância da ZTFE em Londres, e antes de terminar pergunta, Malcolm corrige a fala dizendo que a área de alcance da ZTFE não se limita a Londres.

Em todo Reino Unido, embora a maioria... nós nos estabelecemos em Londres, a maior parte da comunidade, nós servimos para o resto do Reino Unido e partes da Europa, sabe, quando pessoas como Yazad, sendo um sacerdote devem ir e servir comunidades, como quando eles desejam uma cerimônia caso alguém da família tenha falecido. As comunidades são muito pequenas, eles não têm sacerdotes lá. Então nós mandamos um (DEBOO, 2019, tradução nossa).

A ZTFE assume um papel em manter algumas práticas zoroastrianas realizadas no Oriente, em toda região do Reino Unido e partes da Europa. Nem todas as práticas que são realizadas no Oriente, se fazem no Ocidente, principalmente pelo fato de não se ter um templo credenciado às fundações mais antigas da Índia ou do Irã, e pelas distâncias entre os padrões ocidentais e orientais. O que se tem é a Sala de Orações, um modelo muito parecido de como um templo seria por dentro. Ainda, orgulha-se pela presença dos pré-requisitos, quando Yazad promove as cerimônias zoroastrianas na Sala de Orações.

Todos esses reconhecimentos estão de alguma forma atrelados entre o indivíduo e a religião em que ele pertence. Contudo, essas são somente metade das funcionalidades mencionadas entre os respondentes, o que torna a ZTFE um espaço além dos limites de uma instituição religiosa, no sentido de olhar para o bem-estar dos adeptos tanto quanto olhar para o caminho guiado pelo deus Ahura Masda. Isso se dá principalmente pelo fato de se tratar de um contexto de imigrantes, que passam pelas dificuldades de chegar em um novo local, com novos padrões e ideias.

Esse olhar ao adepto imigrante e a comunidade faz parte da funcionalidade social da ZTFE. Entre os principais pontos estão o auxílio à chegada do imigrante e ao processo de adaptação, o cuidado com os imigrantes mais velhos (*Citizen Club*), e a representação da comunidade zoroastriana no parlamento Inglês. Todas essas ações trazem, de acordo com os adeptos, uma proximidade da comunidade e uma sensação de confortabilidade.

Passar um tempo com pessoas da mesma que religião, parece ganhar extrema importância por meio da escrita dos respondentes e das falas dos entrevistados. “[...] se você conhece um zoroastriano, isso torna mais confortável ao ter uma conversa e ao interagir socialmente com ele. E eu penso que é muito importante, como uma religião minoritária, permanecer em grupo e estar juntos com eles” (BHADHA, 2019).

A Respondente 25 traz uma fala curiosa a esse respeito. De acordo com ela, a ZTFE “atende funções sociais e religiosas. Sou sempre bem-vinda. Me sinto parte da comunidade. Sem racismo. Temos muito em comum”. Associo esse depoimento com a fala do Respondente 11, “A cultura britânica é muito hostil aos de fora, especialmente com os de cores diferentes”. Observamos o retrato de uma comunidade que por pertencer a regiões do Oriente, enfrentam desafios ao se estabelecerem em outros locais, desafios estes intensificados quando localizados em países ocidentais. O racismo e o preconceito contra o imigrante aparecem como fatores que promovem uma necessidade de permanecer juntos em comunidade. Em função disso, a palavra “confortável” aparece nos discursos dos adeptos para caracterizar a relação entre pertencentes da mesma religião. A Respondente 25 se sente bem-vinda em um espaço onde frequentam os adeptos, os quais ela observa e percebe pontos em comum, o que faz com que ela se sinta em comunidade.

Relacionamos essa questão ao fenômeno discutido por Koltai (2009) no início do artigo. A sensação de hostilidade é sentida pelo migrante por conta das divergências da não semelhança entre “nativo” e estrangeiro. Observamos durante a discussão teórica que a autora relaciona a identificação do estrangeiro como não-semelhante ao aparecimento de práticas que promovem um certo preconceito e xenofobia ao imigrante. Nesse sentido, faz parte da lógica de Koltai (2009) que os adeptos se sintam mais confortáveis quando na presença dos semelhantes.

É importante ressaltar que aqui não há a intenção de sumarizar a discussão do preconceito contra o imigrante, no sentido de legitimar essa agressão através da explicação de Koltai (2009). Ou seja, ao encontrar uma lógica para o fenômeno da xenofobia, a ideia não é finalizar a discussão com um ponto final, mas sim criticar essa ideia levando em conta o sentimento de opressão do imigrante e almejando relações de respeito entre diferentes grupos.

Dando continuidade às análises, vemos que estar em comunidade vai além da ideia de rezar juntos ou participar de cerimônias juntos. Malcolm destaca o lado psicológico da ação de estar em companhia. Pelo fato de ser uma religião que se pratica majoritariamente em casa, a solidão pode ser facilmente sentida entre os adeptos. Portanto, os encontros na ZTFE auxiliam também nesse sentido, principalmente entre os mais velhos já aposentados.

Eu penso que nós não podemos ser uma ilha de nós mesmos. Você tem que se encontrar e interagir com os outros. E isso pode ajudar especialmente quando há uma preocupação com a ideia de identidade, mas também mais importante ainda, para cuidar da sua saúde psicológica. Por que eu digo isso? Isto é, se associando a pessoas do seu próprio tipo, melhora a sua perspectiva. Como a solidão. A solidão pode ser um grande problema, [...] ela é sentida pelos Zoroastrianos. [...] E uma

das razões pelas quais estamos aqui, a Zoroastrian Centre ajuda porque é um ponto foco para vir e visitar. As pessoas vêm aqui não só quando elas querem celebrar, mas eles vêm sozinhas para rezar (DEBOO, 2019, tradução nossa).

Observamos acima pontos de destaque sobre o papel da ZTFE ligados principalmente a questões funerárias, sociais e religiosas. Por todo o período de desenvolvimento da Instituição e com mandatos de diferentes presidentes, a ZTFE formou o quadro atual passando gradualmente por cada etapa. De acordo com Hinnells (2005), a Instituição evoluiu de “um clube informal funerário, para um clube social, e agora para uma comunidade religiosa” (HINNELLS, 2005, p. 354). Em vista disso, as primeiras preocupações dos dirigentes estavam relacionadas, principalmente a questões pós-morte, ponto tão delicado e complexo dentro da estrutura religiosa, explanados pela criação do cemitério de Brookwood. Anos mais tarde, se tinha uma preocupação social, principalmente com a vinda de estudantes e com a necessidade de se ter uma casa para recepção. Por último, uma preocupação religiosa em expandir o local, criar uma Sala de Orações e contratar um sacerdote de tempo integral. O documento de 1959 pedindo por uma sede nova, escrito pelo, então, presidente da ZTFE, Jehangir D. Moss, indicava: “Um zoroastriano não pode viver sozinho. O lado espiritual da vida é de importância vital para qualquer comunidade religiosa [...]. Uma casa espaçosa com uma grande sala para assembleias e um local próprio para cerimônias digna de nossas tradições, é uma necessidade real” (HINNELLS, 2005, p. 354).

O documento afirma um receio do presidente em perder fiéis para outros círculos sociais ou religiosos, principalmente entre os mais jovens. Religiões proselitistas e o contato com mais pessoas de outras fés eram vistos com perigo para uma comunidade tão pequena como a zoroastriana. E o interessante de se notar é que a responsabilidade em não deixar que isso ocorra, procurando novas medidas, vem da própria instituição, o que lhe atribui a funções discutidas e afirmadas acima.

Por fim, as falas dos Respondentes 15 e 22 trazem considerações significativas para concluirmos a discussão sobre a função da ZTFE e seu caráter social. O Respondente 15 afirma que em instituições religiosas “No Reino Unido você encontra amigos e família. Mas na Índia, você vai ao templo com finalidades mais restritas, apenas orações, não necessariamente ver seus amigos”. Nessa mesma ideia, a Respondente 22 escreve que “As pessoas se encontram socialmente em comunidade mais do que na Índia, onde eles se encontram nos templos para funerais, mas não muito como um grupo social”.

Fica claro nas falas dos respondentes um sentimento de mudança em relação ao papel da instituição religiosa no Oriente (Índia) e no Ocidente (Inglaterra). Contextos diferentes fazem com que as organizações apresentem propostas diferentes. Essas funções expostas pelos zoroastrianos caracterizam a ZTFE como uma instituição religiosa em um contexto migracional, onde os adeptos necessitam de um amparo maior, não somente no âmbito religioso, mas principalmente na questão social.

Em regiões do Oriente, o templo como instituição religiosa, obedece a funções pertinentes a esse vínculo. No Ocidente, essas questões ultrapassam o limite da prática e crença religiosa, ao passo que o migrante enfrenta desafios que vão além da realidade do contexto oriental.

Pontos conclusivos

O ideal de pertencimento pode construir ligações complexas e profundas entre sujeitos. Muito do que determina essas ligações, estão relacionadas ao contexto espacial e temporal. O indivíduo imigrante, por exemplo, ao chegar em uma região de destino encara a complexa realidade de conviver com o Outro, o não-semelhante. Quando outros imigrantes, sendo de gerações diferentes ou não, se encontram, essas conexões de pertencimento são acionadas.

Como observado nos discursos dos adeptos, fonte para este artigo, encontrar um semelhante em território migracional, é um momento marcante que traz inúmeros sentimentos e relações para os sujeitos. Em suas falas, notamos que a importância de ter um semelhante zoroastriano próximo se deve ao sentimento de hostilidade que o contexto migracional inglês gera a esses adeptos. A relação entre o “nativo” e o estrangeiro, provoca situações de conflito envolvendo o preconceito e xenofobia ao imigrante.

A *Zoroastrian Trust Funds of Europe* é estabelecida com o intuito de auxiliar o migrante zoroastriano que chega na Europa. A grande notoriedade dessa Instituição é a sua função estendida em dois âmbitos diferentes. Mesmo se tratando de uma organização de cunho religioso, a ZTFE não se limita a essa esfera. Por estar localizada em uma região migracional, a Instituição assume posições e finalidades ligadas ao bem-estar do adepto, inserindo-se no âmbito social.

Nessa perspectiva, os sentimentos, muitas vezes, trazidos nos discursos dos adeptos, são associados a função da ZTFE e ao ideal de estar em comunidade. Diante de tais vulnerabilidades ao preconceito, quando se está inserido a um grupo de comuns, uma sensação de confortabilidade parece ser um passo importante na permanência em um espaço estrangeiro. Dividir experiências e diálogos, e se mostrar à disposição são características do papel desempenhado pela ZTFE.

Como exemplo, os discursos do presidente da ZTFE, Malcolm Deboo, apontam também para o cuidado com o adepto idoso. A Instituição promove interações com grupos de zoroastrianos aposentados, não somente para que sejam praticados e celebrados ritos da religião, mas para que os adeptos estejam inseridos socialmente em um espaço de diálogo e acolhimento, especialmente com os sujeitos que passam a ter mais tempo livre com a aposentadoria.

Essa característica para além do campo religioso, parece estar envolvida mais profundamente com o contexto migracional. Notamos nas falas dos adeptos, o destaque para a função de templos e instituições religiosas em regiões do Oriente, sendo diferente das funções desempenhadas pela ZTFE, como uma organização no Ocidente. Isso se dá, certamente, pelas necessidades que o contexto do migrante solicita, trazendo realidades diferentes das enfrentadas em localidades orientais.

A presença da ZTFE na esfera religiosa e social da vida do adepto também dialoga com sua inserção no meio urbano. Não por acaso, a Instituição está localizada em uma região com grande fluxo e presença de comércios e estabelecimentos voltados para migrantes de diversas

regiões do continente asiático. A organização urbana nesta questão, é um tanto quanto curiosa, pois além de termos uma presença extremamente significativa desses estabelecimentos, eles se agrupam de maneira próxima. De modo interessantemente similar, assim como adeptos da mesma religião visam um sentimento de confortabilidade na presença do semelhante, os comércios de cultura oriental se estabelecem próximos uns dos outros, criando uma identificação àquela localidade.

A presença destes estabelecimentos, do cemitério de Brookwood e da ZTFE demonstram a existência e vivência dos migrantes zoroastrianos ingleses em um processo de acomodação vindo desde o século XIX. Identificamos conflitos nesses trajetos e complexas relações de alteridade, que adentram as esferas sentimentais dos adeptos, trazendo situações muito além daquelas encontradas em regiões de origem. Essas sensações são externalizadas e compartilhadas em experiências comuns, fazendo com que a instituição religiosa se adapte e construa novas formas de se apresentar e funcionar nesse meio.

Referências

BOYCE, Mary. **Zoroastrians: Their religious beliefs and practices**. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1979.

CLARKE, John M. **London's Necropolis: A guide to Brookwood Cemetery**. Inglaterra: Stenlake Publishing, 2018.

HINNELLS, John R. **Zoroastrians in Britain**. Oxford: Clarendon Press, 1996.

HINNELLS, John R. **The Zoroastrian diaspora: Religion and Migration**. Inglaterra: Oxford Press, 2005.

KOLTAI, Caterina. A recepção nacional do estrangeiro no mundo globalizado. In: VIEIRA, Liszt. **Identidade e Globalização: impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

KRAUSOVA, Anna; Carlos VARGAS-SILVA. London: Census Profile. **The Migration Observatory at the Oxford University**, 2013. Disponível em: <https://migrationobservatory.ox.ac.uk/resources/briefings/london-census-profile/>. Acesso em: 10 maio 2021.

KUDASCHEFF, Alexander. Opinião: Porque está certo proibir a burca. **DW Brasil**, 2016. Disponível em: <https://p.dw.com/p/1JlgL>. Acesso em: 15 jun. 2020.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. **Projeto História**, v. 14, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira. A arte multivocal da História Oral. **Ensaio da História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia de Letras, 1990.

VERTOVEC, Steven. Three meanings of “Diaspora”, exemplified among South Asian Religions. **Diaspora: a journal of transnational studies**, v. 6, p. 277-299. Toronto University Press, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomas T. da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.